

○ homem político e sua leitura
no mito de Cronos no diálogo
○ político de Platão
*The politician and his reading in the
Myth of the Chronos in the dialogue
The politic by Plato*

*De forma alguma! Não poderás dirigir-te
à casa de qualquer de teus outros amigos.
(Eurípedes)¹*

Tiago De Carvalho

Doutor em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra – UC.
Mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília – UnB.

Resumo

A realeza é singularmente considerada a marca adjetiva de um rei. A realeza para Platão é sempre um conceito mais amplo, principalmente quando a voz de Sócrates em sua dialética estabelece o princípio das múltiplas possibilidades de olhar sobre um objeto. No caso do diálogo conhecido como *O Político (Da realeza)*, é possível encontrar a leitura de uma outra forma de olhar para aquilo que é próprio do rei, e lhe pertence desde o nascimento, o seu estado de realeza, como também aproximar esta realeza de uma variante de conhecimento, sensibilidade e educação para governar. O mito de Cronos é neste sentido a chave da alusão de Platão para tal objeto. Discutir sua interpretação no diálogo pode nos levar ao que Aristóteles depois estabeleceria mais do que a realeza, o papel do Estadista, como *homo politicus*.

Palavras-chave: O Político; A Política; A Realeza; Homem Político; Mito de Cronos.

Abstract

Royalty is considered the particular characteristic of a king. For Plato, royalty is always a wider concept, especially when the voice of Socrates, in its dialectics, establishes the principle of multiple possible perspectives over an object. In the case of the dialogue known as The Statesman or About Royalty, it is possible to find the reading of a different perspective about what is characteristic of a king, of what belongs to him since birth and of his royal status. It is also possible to approach this royalty using different kinds of knowledge, sensitivity and governing education. In this sense, the Myth of Chronos is Plato's key allusion for such an object. The discussion of his interpretation in the dialogue may lead us to what Aristotle would later establish as something more than royalty, that is the role of the Statesman, as homo politicus.

Keywords: Politician; Politics; Royalty; Politician; Myth of Chronos.

O que forma um político? Se a palavra político na sua acepção comum pode ser atribuída a todos os homens da *polis*, sabemos que o diálogo *O político* ou *Da realeza* de Platão é destes textos emblemáticos na configuração mais completa daquilo que na concepção poderíamos chamar o *homo politicus*² desde Aristóteles:

*"Deveremos agora considerar do ponto de vista dos que concordam que uma vida de virtude é a mais desejável, mas que divergem quanto ao modo de a viver. Uns desaprovam a participação nos cargos políticos, considerando que a vida do homem livre é diferente da do político, e preferível entre todas, outros consideram a vida do político como a melhor (visto ser impossível que o que não faz nada não pode 'fazer bem') e identificam felicidade com prosperidade. Ambos tem razão nalguns pontos, e noutros não. Os primeiros defendem que a vida de um homem livre é melhor que a de um senhor de escravos. Isso é verdade: de facto não implica qualquer dignidade especial servir-se de um escravo enquanto escravo, visto que a autoridade exercida nas necessidades quotidianas não encerra um acto de grande nobreza."*³

O homem é verificado no próprio diálogo como aquele que deve ser o comandante, o rei: "Por conseguinte, unificaremos tudo isso - o [conhecimento] político e o homem político, o [conhecimento] régio e o rei?"⁴.

Ovídio nos apresenta nas *Metamorfoses* uma cena que relata o encontro de Ulisses e seus navegadores "às costas de Circe".⁵ O relato reagrupa a transformação dos marinheiros de Ulisses em porcos pelo encanto da feiticeira, e coloca o general em mais uma de suas aventuras e enfrentamentos, entre o aprendizado ante o desconhecido, e a coragem, astúcia e percepção que o conduz a vitória:

*"...quanto mais as canta, mais nos vamos levantando do chão/ e nos endireitamos, as cerdas caem, a fendo dos bifidos pés/ desaparece, e regressam os ombros, e os antebraços voltam/ a seguir aos braços. Chorosos, abraçamo-nos a ele, choroso/ agarramo-nos ao pescoço do chefe, e nenhuma outra coisa/ logramos dizer antes de dar testemunho da nossa gratidão."*⁶

Na cena ele consegue restabelecer o retorno à forma humana dos seus convivas e o significado maior da mesma interessou diretamente ao poeta latino por tratar-se da gratidão dos marinheiros a Ulisses.

O que este episódio tem a ver com o texto de Platão, o mito de Cronos e a ideia de *homo politicus* no diálogo? Tudo está em alguma medida relacionado na palavra "gratidão", aquilo que é a força máxima de um rei e sua estrutura elementar; a relação que ele tem com o seu povo, com a sua gente, com a sua pátria.

Numa relação de confiança e de segurança há um certo princípio de autenticidade e originalidade de um monarca ou estadista. Ele transforma seu estatuto político na sua maior arma contra aquilo que ele ou o Estado contrário podem fazer para destituí-lo mais que do trono da sua razão de ser. Este líder não pode esquecer ter nascido para ser rei, quando ele mesmo reconhece seu estado de realeza. E o que é a realeza como nos coloca Platão?

*"E está claro que, no que tange a preservar sua posição, qualquer rei pouco pode realizar com suas mãos, ou todo seu corpo, comparado ao que é capaz de realizar com o entendimento e força de sua alma."*⁷

A realeza é este estado de espírito que o monarca ou o estadista adquirem entre o *front* das batalhas de construção do Estado e o aprendizado corrente e persistente que a força da alma nega em refutar ou desistir, pois o Estado já é sabido como a fonte das dissensões e jogos profundos de poder e ambição.

O estudioso Stephen Usher, ao relatar em síntese o seu argumento em torno das Filipicas de Cícero relata que a opinião do orador em torno de *Antonius* não

¹ Mesmo consternado com a morte de Alceste, Admeto não nega a grandiosidade régia ao dar hospitalidade a Hércules. Cf. Eurípedes (*Alceste*, vv.675-6)

² É evidente que o conceito de homem como um animal político de Aristóteles se deslinda em torno da própria obra *A Política*, mas o momento crucial da obra sobre a integralidade deste homem político está na discussão sobre a natureza do cidadão livre e do cidadão de Estado, como figuras fundamentais desta caracterização irrevogável na formação da cidade perfeita ou da República perfeita, uma obsessão grega.

³ Aristóteles na *Política* (1325b).

⁴ Cf. Platão (*Político*: 259d).

⁵ Cf. Ovídio (*Metamorfoses* - XIV, v. 248).

⁶ Cf. Ovídio (*Metamorfoses*. XIV, vv. 303-307).

⁷ Cf. Platão (*Político*. 259c).

dava exclusivo privilégio a origem sanguínea e ao nome, se quer a hereditariedade, pois a realeza de um soberano se justifica na sua capacidade em compreender seu reino e suas demandas, e se um orador passa de conselheiro do rei a seu desafeto, ou crítico denso, não há outra forma se não questionar a majestade deste rei:

"Although its general tone seems to be one of quiet conciliation, the speech was calculated to weaken Antony's political authority by criticizing his high-handedness and questioning his legislation and, at the end, by speaking over him to the Senate and the People. Scarcely less certain to arouse Antony's resentment were the topics and attitudes which exposed the deepest differences in the characters of the two men. Cicero paraded his intellectual superiority through his knowledge of the law and the constitution and by quoting from literature; and he reminded Antony of his seniority by mentioning Antony's grandfather with admiring familiarity and unfavourable comparison. Antony is also found wanting on the side of morality, because he is content with the empty applause which a mob will accord a tyrant."⁸

É Sólon um grande exemplo deste homem que não exatamente nasceu com realeza sanguínea, mas adquiriu realeza de Estado.

Leão, ao definir Sólon como estadista, não apresenta necessariamente a proteção violenta do Estado, mas a inteligência e diligência do legislador, em mediar situações, já compreendendo que o equilíbrio do Estado, se faz sobre o equilíbrio dos interesses, daí o seu papel relevantíssimo na formação da democracia.

A atenção que se dá ao espírito de um Estadista está na diferença de sua alma, quem imaginaria que o Sólon legislador, organizador do caos grego, colocasse intenções de futuro e reflexão política na sua própria poesia: "... Sólon falava das dificuldades econômicas e sociais que afligiam Atenas e que viriam a ser a causa da sua designação para o posto de arconte e mediador..."⁹.

Nisto Leão chama a atenção para o valor do testemunho que a poesia e a consciência do grande político tinham no legado de sua própria história e da história futura. Logo a formação do político, da sua realeza, da sua majestade, do seu conhecimento e da sua diferença estiveram na obra de Platão, sem dúvida, numa cadeia de desenvolvimento da arte política que se formava na Grécia e se estenderia por Roma depois nos relatos e estudos das obras de Cícero e outros.



No que concerne a Platão, este seu diálogo *O Político (Da realeza)* vai merecer um preâmbulo histórico essencial de seu papel.

Reale nos alerta que este diálogo platônico estaria entre os seus últimos textos um pouco antes das *Leis*, e que sua caracterização seria a força dialética como uma obra da maturidade, naquilo que se encontraria numa linha "ético-político-educativa"¹⁰. O maior significado deste diálogo não é um repensar sobre a *República*, mas o status de um Estado Ideal:

"Após a República, Platão voltou a se ocupar expressamente da problemática política, especialmente em A política e em As leis. Seu objetivo não constituiu em reformular o projeto desenvolvido na República, porquanto tal projeto representa sempre um ideal a ser alcançado. Ao contrário, procurou expressar ideias que pudessem colaborar para a construção de "Estado segundo", ou seja, um Estado destinado a suceder ao Estado ideal, de Estado que atribua consideração maior aos homens vistos como efetivamente são e não apenas como deveriam ser. Na cidade, não existe o dilema de se a soberania compete ao homem de Estado ou à lei, porquanto a lei nada mais representa do que o modo segundo o qual o homem de Estado perfeito realiza na Cidade o Bem contemplado. Entretanto, no Estado real, onde muito dificilmente se poderia encontrar homens capazes de governar "com virtude e ciência", a ponto de se porem acima da lei, a soberania cabe à lei e, portanto, se torna imprescindível a elaboração de constituições escritas."¹¹

O termo usado por Reale para o diálogo é a *Política* (o que não é interessante para que não se confunda com a obra de Aristóteles), a tradução brasileira chama o diálogo de *O político*.¹²

⁸Cf. Usher (2010: 136).

⁹Cf. Leão (2001: 416).

¹⁰Cf. Reale (1990: 133).

¹¹Cf. Reale (1990: 165-166).

¹²Em grego, *politicoe*;

Reale tem alguma correção, quando hipotetiza sobre uma certa consciência de Platão em torno da evolução colaborativa entre os conceitos de estado ideal e de estado real, mas não adensa um elemento contundente do pensamento platônico no que diz respeito ao político que já estava na *República* e é reforçado no *Político*.

Todo o problema está na natureza do estadista e a sua diferença em relação aos demais membros da sociedade, ao passo que na *República* temos uma obra muito mais abrangente.

IV

Se na *República* esta diferença só poderia ser encontrada em meio aos pensadores, estes seres que transitam entre o que é "divino e ordenado"¹³, ainda mais nem todos eles estariam preparados para tão vultuosa e complexa missão, era tarefa para "um pequeno número, mas não a maioria"¹⁴. No *Político* esta diferença estava na arte régia, atributo de muito poucos, pela sua variabilidade e completude complexa:

"Juntemos, então, a arte régia na mesma classe da arte do intérprete, da do contramestre do navio, da do profeta, da do arauto e de muitas outras artes afins, todas caracterizadas pelo aspecto, de dar ordens? Ou, tal como fizemos há pouco uma analogia de funções, deveremos agora também por analogia construir um nome - visto que a classe daqueles que emitem ordens próprias carece virtualmente de um nome - e destinar os reis à arte de dar suas próprias ordens, desconsiderando todo o resto e deixando a cargo de uma outra pessoa a tarefa de nomear as demais coisas? De fato, empreendemos nossa investigação em pauta visando ao governante, não ao seu oposto."¹⁵

Dentro desta dinâmica que se encontra no texto platônico e que depois acarretará uma discussão muito mais ampla sobre o próprio espectro político da Grécia e suas leis o que se constrói é uma certa alegoria da vida política que já estava no conciliábulo dos deuses e por efeito é reproduzida como *imitatio* no meio dos homens.

A primeira parte do texto é dedicada mesmo a esta arte régia, fundamento de uma realeza específica, um misto de dom e predileção existente na figura do príncipe, tanto como a formação e educação do mesmo, a quem Platão designou como um "conhecimento especializado que lhe é próprio"¹⁶.

O uso do mito mais uma vez em Platão se respalda na educação filosófica, no ato "parabolar"¹⁷ desta educação, e naquilo que fulano chamou de relação implacável dos deuses na lenda, para uma evolução consciente da história para os homens, o exemplo seria assim menos religioso e mais político: "*These exceptional scenes in the Greek Show the struggle of more forgiven values to emerge a poetical world dominated by the unforgiving gods of myth.*"¹⁸

V

A partir daí, Platão recorre à narrativa sobre o reinado de Cronos, e tudo nela que se transforme num rizoma de discussões em torno do *mythos* em Platão, ou das infinitas hipóteses semânticas da leitura destas mais narrativas e exemplos que aparecem nos discursos do filósofo sobre o exemplo de príncipes e reis. Vale extrair este caráter mimético que configura a educação do príncipe e depois a sua verve máxima de atuação como rei.

Primeiramente, há um convencimento de que somos tomados pela experiência e pelo desconhecido. E mesmo Cronos em sua magnificência universal, representante do princípio de tudo em sentido temporal, não abriu mão de um aprendizado contínuo de tudo que era da natureza por ele criada e nela existente.

¹³A tradução da palavra "divino" é de Rocha Pereira, e sabemos das implicações que circundam o universo deste termo nas rodas acadêmicas sobre a obra de Platão. Cf. Platão (*República*. VI, 500d).

¹⁴Cf. Platão (*República*. VI, 500a).

¹⁵Cf. Platão (*Político*, 260e).

¹⁶Cf. Platão (*Político*, 266e).

¹⁷Neologismo proposital para indicar a função de parábola explicativa do mito em Platão.

¹⁸Cf. Griffin (1984: 112).

*"Ora, se os nutridos por Cronos, contando com todo esse ócio, além da faculdade de dialogar não só com os seres humanos, como também com os outros animais, aproveitaram plenamente todas essas oportunidades tendo em vista a filosofia, tirando proveito da conversação com os animais e daquela entre si, obtendo aprendizado de toda criatura que pudesse naturalmente ser detentora de alguma capacidade pessoal que a habilitasse, em algum aspecto, a ter melhor percepção do que os outros no que respeita a acumular saber, seria fácil julgar e decidir que as pessoas desses tempos antigos foram incomensuravelmente mais felizes que a da nossa era."*¹⁹

Em outras palavras, Platão coloca sobre a cabeça do monarca – a partir da autoconsciência do deus – a espada de Dâmocles, que fere profundamente nossa consciência. Quando vítimas da vaidade pseudo-régia, acreditamos piamente ser donos da verdade e da ação necessária, e este é quase um recado à formação dos reis: se quiser ser um bom monarca, esqueça que o é, e investigue a natureza toda sem predileções ou por sorte do gosto.

Para isso Platão se utiliza de uma só metáfora para o papel do monarca, "o zelo pelos rebanhos"²⁰. Mesmo considerando uma incompletude dentro da maiêutica socrática, o pensamento divergente sobre a natureza total do rei, um convencimento parece tomar de fundamento a reflexão entre a personagem do jovem Sócrates e o Estrangeiro, o rei precisa ser protegido, os interesses ideais do Estado, do povo, da cidade, estão acima dos palpites.

Esta colaboração filosófica em Platão será a raiz da dialética que formou ao longo da humanidade, a antípoda, rei autoritário, que não ouve ninguém, rei liberalíssimo, que ouve demais todo mundo, e então o isolamento do rei é a sua teia mais perigosa e seu veneno mais peculiar, que se bem usado é antídoto do Estado, mal usado é a perdição do conjunto de

vaidades que formam as sociedades e comunidades de homens: "... teremos de afastar todas as pessoas, e isolar o rei..."²¹

VI

Em suma este episódio é o reconhecimento de como os sistematizadores da política clássica e da antiguidade tinham a exata dimensão superior às leis do ordenamento político, para este papel imagético e essencial do monarca.

E o que vai mais impressionar em Platão, para além das demais qualidades do texto, é a diferença entre a arte régia e arte política, se as duas são essenciais para a formação da ordem e do ideal políticos, elas divergem naquilo que se condiciona como inevitável: de um lado a urdidura crucial da política como função de Estado; do outro a construção do príncipe como um *demiurgo*.

Este *demiurgo* não pode mais ser só parte desta urdidura, com o risco de declinar de monarca ao no máximo magistrado dos interesses de grupo, concluído por um libelo belíssimo de síntese das diferenças entre a arte política e a arte régia:

*"Assim, declaremos que isso estabelece o acabamento do tecido que constitui a obra de arte política: o entretencimento direto dos caracteres de indivíduos controlados e corajosos na ocasião em que a ciência régia os uniu mediante a amizade e o sentimento solidário numa vida comum; e tendo completado o mais magnífico e melhor dos tecidos, com ele traja todos os habitantes do Estado - tanto escravos quanto homens livres -, conserva-os juntos graças a esse tecido, e nada omitindo que deva estar presente numa cidade feliz, governa-os e por eles zela."*²²

Não haverá mesmo nesta ideia central outra obsessão, se não sustentar que Ideal de um rei ou Estadista é a anulação da Majestade naquilo que nele só há de principesco e não de realeza, que é a grandeza do *equilibrium* sugerido por Platão, na formação das hostes de políticos e na conformação e evolução da arte política.

Isto seja talvez um pouco daquilo que Nietzsche chamará de grande política²³ com o seu niilismo e pessimismo peculiares diante dos homens. Cícero nos mostrará na falta de realeza o mal dos céсарes.

¹⁹Cf. Platão (*Político*, 272b-c).

²⁰Cf. Platão (*Político*, 276a).

²¹Cf. Platão (*Político*, 279a).

²²Cf. Platão (*Político*, 311c).

²³O conceito de Grande Política está nos *Fragments do Espólio* e nos *Fragments Finais* da obra filosófica do alemão: "os povos fazem de tudo para não ter grandes homens. Portanto, o grande homem precisa, para poder existir, ter domínio sobre uma força que seja maior que a força da resistência que é desenvolvida por milhões de indivíduos." Cf. Nietzsche (2002: 37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

ARISTÓTELES (1964). *Ethica Nicomachea*, ed. L. BYWATER, Oxonii, 1894, repr.

_____ (1972). *Ethique à Nicomaque*, trad., com. J. TRICOT, Paris, Vrin 31972.

_____ (1988). *Política*. Tradução Mário da Gama Kury. Editora Universidade de Brasília, Brasília.

_____ (1998). *A política*. Traduction Carlos Garcia Gual. Alianza, Madrid.

_____ (1998). *A política*. Tradução Antônio de Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Editora Vega, Lisboa.

_____ (2009). *A Constituição dos Atenienses*. Tradução Delfim Ferreira Leão. Calouste Gulbenkian, Lisboa.

EURÍPEDES (2004). *Alceste*. Tradução de Mário da Gama Kury. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

MAQUIAVEL, Nicolau (1996). *Escritos políticos*. Tradução Lívio Xavier. Nova Cultural, São Paulo.

_____ (1996). *O príncipe*. Tradução Lívio Xavier. Nova Cultural, São Paulo.

_____ (2014). *O príncipe*. Tradução Zélia de Almeida Cardoso. Martins Fontes, São Paulo.

OVÍDIO (2007). *Metamorfoses*. Tradução Paulo Farmhouse Alberto. Cotovia, Lisboa.

PLATÃO(1971) *Gorgias*. Translated by Benjamin Jowett. Project Guttenberg Association, USA.

_____ (1986). *Górgias*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, Bélem.

_____ (1994) "Carta VII". In *Diálogos VII* (Dudosos, Apócrifos, Cartas). Biblioteca clássica de Gredos-Editorial Gredos, Madrid.

_____ (2007). *Diálogos, vol. 01*. Tradução Edson Bini. Edipro, São Paulo.

_____ (2007). *Diálogos, vol. 02*. Tradução Edson Bini. Edipro, São Paulo.

_____ (2007). *Diálogos, vol. 03*. Tradução Edson Bini. Edipro, São Paulo.

_____ (2010). *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Calouste Gulbenkian, Lisboa.

_____ (2010). *Apologia de Sócrates*. Introdução, tradução do grego e notas de André Malta. L&PM Editores, São Paulo.

_____ (2010). *As leis & Epinomis*. Tradução Edson Bini. Edipro, São Paulo.

_____ (2011). *Timeu-Crítias*. Tradução Rodolfo Lopes. CECH, Coimbra.

Fontes secundárias

BADIOU, Alain (2014). *A República de Platão recontada*. Tradução André Telles. Zahar Editor, Rio de Janeiro.

CHAUÍ, Marilena (2003). *Política em Spinoza*. Companhia das Letras, 2003.

GRIFFIN, Jasper (1984). *The mirror of the myth*. Faber and Faber. Boston.

JARÉSKI, Kris. *Mito e lógos em Platão (um estudo a partir de excertos dos diálogos República, Político e Fedro)*. Paulus, São Paulo.

LEÃO, Delfim Ferreira (2001). *Sólon, ética e política*. Calouste Goulbekian, Lisboa.

MILTON, John (2005). *Escritos políticos*. Tradução Eunice Ostrensky. Martins Fontes, São Paulo.

NIETZSCHE, Friedrich (2002). *Fragmentos do Espólio*. Tradução Flávio René Kothe. Editora UNB, Brasília.

REALE, Giovanni & Antiseri, Dario (2005). *História da filosofia, vol 01*. Paulus, São Paulo.

RICOEUR, Paul. *Ideologia e Utopia* (2015). Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Autêntica Editora, Belo Horizonte.

SAUNDERS, J. Trevor. (2013). "O pensamento político tardio de Platão". In, Kraut Richard(Org.). *Platão*. Tradutor Saulo Krieger. Ideias & Letras, São Paulo, pp. 545-579.

USHER, Stephen (2010). *Cicero's First Philippic and the Fall of the Republic*. Institute of Classical Studies University of London, London.